

REVISTA

COLETE ENCARNADO

1.2.3

julho

2016

ORGANIZAÇÃO



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

PARCERIA



VILA FRANCA
DE XIRA
FREGUESIA

APOIO



VILA FRANCA DE XIRA



XXVII Semana da Cultura Tauromáquica 25 a 30 de junho'16 VILA FRANCA DE XIRA

Sexta-feira, 24 de junho

21h00 › 8.º Peddy Paper Taurino

Concentração: Sede do Clube de Campismo
"As Sentinelas"

Sábado, 25 de junho

10h30 › Treino de Forcados

Praça de Toiros Palha Blanco
Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira

18h30 › Inauguração da exposição

"É de Vila Franca e chama-se José Júlio"

Celeiro da Patriarcal
Abertura - Banda Filarmónica do Ateneu Artístico Vilafranquense
Encerramento - Grupo de Dança Flamenca
"Sabor Flamenco"

22h00 › Novilhada com a Escola de Toureio José

Falcão e Escolas convidadas

Praça de Toiros Palha Blanco

Domingo, 26 de junho

09h00 › 18h00 – Tertúlias na Rua

Jardim Municipal Constantino Palha

11h00 › Abertura oficial com o Presidente da Câmara Municipal

11h15 › Atuação da Banda Filarmónica

do Ateneu Artístico Vilafranquense
Coreto do Jardim Municipal Constantino Palha

21h30 › Gala Equestre "A Noite Mágica do Cavalo"

Direção técnica: Luis Valença Rodrigues
Praça de Toiros Palha Blanco
(Preço único €10,00)

Segunda-feira, 27 de junho

17h00 › Ida ao campo para visita aos Toiros das Esperas

Inscrições abertas ao público no Posto de Turismo, a partir de dia 13 de junho*

18h00 › Tertúlias Francas

Tertúlia Abre-Max
Largo Telmo Perdigão, 3

21h30 › Colóquio – "José Júlio - Vida e Tauromaquia" Lançamento do livro sobre o Maestro Celeiro da Patriarcal

Terça-feira, 28 de junho

17h15 › Carréton Taurino - dirigido ao público infantil

R. Miguel Bombarda à Praça Afonso de Albuquerque

17h30 › Demonstrações da Escola de Toureio José Falcão e do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira

Praça Afonso de Albuquerque

18h00 › Tertúlias Francas

Tertúlia A Cirófila
Rua da Praia, 73

21h30 › Colóquio – "José Júlio e os Toiros de Miura" Celeiro da Patriarcal

Quarta-feira, 29 de junho

10h00 – 19h00 › Mostra de Artesanato

Praça Afonso de Albuquerque

17h30 › Apontamento de fandango com o Rancho Folclórico de Alfarrobeira

Sevilhanas Ateneu Artístico Vilafranquense
Sevilhanas Dance Life Academy
Praça Afonso de Albuquerque

18h00 › Tertúlias Francas

Tertúlia A Fornalha
Rua Gomes Freire, 18

21h30 › Colóquio – "O Toureio antes e depois de José Júlio"

Celeiro da Patriarcal

Quinta-feira, dia 30 de junho

20h00 › Jantar de Tertúlias

Praça de Toiros Palha Blanco
Animação com "Raúl & Eu Jazz Band"

* Mais informações:

POSTO DE TURISMO MUNICIPAL

Rua Alves Redol, n.º 7 - 2600-099 Vila Franca de Xira
GPS: 38º 57' 16.59" N, 08º 59' 21.48" W
Contactos: 263 285 605 - turismo@cm-vfxira.pt
2.ª a 6.ª feira, 10h00-12h30 e 14h00-18h00; sábado, 10h00-13h00; encerra ao domingo e feriados

Organização



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Parceiros



Apoio



SEXTA-FEIRA 1 DE JULHO

18h00 · Espera de Toiros seguida de Largada

20h00 · Concentração de Tertúlias e Coletividades seguida de Desfile até ao Largo Conde Ferreira

20h30 · Missa *Rociera* com o Coro *Rociero* "Jara y Encina", seguida de atuação dos fadistas de Vila Franca de Xira

Igreja Matriz

Palco Av. Pedro Victor

23h00/00h30 · D.A.M.A.

01h00/02h30 · MT80

03h00/05h00 · DJ Tiago Prazeres

SÁBADO 2 DE JULHO

10h00 · Concentração de Campinos e Deposição de coroa de flores no Monumento ao Campino

Av. Pedro Victor

10h30 · **Corrida de Campinos**

Largo 5 de Outubro

10h00 · Concerto com a Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense
Praça Afonso de Albuquerque

12h00 · Chegada do XIV Cruzeiro da Moita / Vila Franca de Xira / Moita

Concentração de barcos tradicionais

Cais de Vila Franca de Xira

16h00 · **Homenagem ao Campino**

Praça Afonso de Albuquerque

16h30 · Desfile de campinos, cavaleiros e amazonas com Cortejo de Tertúlias

Ruas da cidade

18h30 · Espera de Toiros seguida de Largada

22h30 · Noite da Sardinha Assada no posto público

R. 1.º de Dezembro

02h00 · Garraizada da Sardinha Assada

Praça de Toiros Palha Blanco

03h30 · Distribuição de Caldo Verde

Rua 1.º de Dezembro

Palco Av. Pedro Victor

23h00/24h00 · HMB

00h30/02h30 · Fado Lele

02h30/05h00 · David Antunes

& The Midnight Band

DOMINGO 3 DE JULHO

09h00 · Atividades desportivas

Jardim Municipal Constantino Palha

10h30 · Espera de Toiros seguida de Largada

14h00 · **"SOMOS PORTUGAL" PROGRAMA DA TVI EM DIRETO**

Jardim Municipal Constantino Palha

18h00 · Corrida de Toiros

Praça de Toiros Palha Blanco

Palco da Av. Pedro Victor

22h00 · "Fado Lírico e Popular do Meu Ribatejo"

e Fadistas de Vila Franca de Xira

24h00 · Fogo de artifício no Rio Tejo

Programa completo em www.cm-vfxira.pt

*Sujeito a alterações.



Eis-nos chegados a um dos momentos mais fortes do nosso calendário, no que respeita à exaltação de um dos fatores mais importantes da nossa identidade enquanto Concelho: a relação com o campo, que, entre outros, nos traz, desde há séculos, a cultura da tauromaquia.

Começando na 27.ª edição da Semana da Cultura Tauromáquica, de 25 a 30 de junho, e terminando com a 84.ª edição do Colete Encarnado, de 1 a 3 de julho, são quase dez dias de encontro com estas raízes que marcam indelevelmente a forma de ser e estar de Vila Franca de Xira.

Esta edição da Semana da Cultura Tauromáquica continua o ciclo de homenagens que temos vindo a realizar às nossas figuras maiores do toureio. Desta feita, o distinguido é mais uma personalidade Vila-Franquense de nível nacional e internacional: José Júlio.

No Celeiro da Patriarcal é inaugurada, no dia 25, uma exposição biográfica do Maestro, que denominamos: "É de Vila Franca e chama-se José Júlio!". Cumprindo o compromisso que com ele estabelecemos, será também lançado, no dia 27, o livro com o seu percurso pessoal e artístico. Estou certo de que serão momentos marcantes para aficionados e simpatizantes da cultura taurina, e sobretudo dos fãs, que são imensos, do Maestro José Júlio.

O Colete Encarnado, cumprindo uma vez mais a intenção do seu fundador – José Van-Zeller Pereira Palha – homenageia a figura ímpar da nossa Lezíria, que é o Campino. O campo vem à cidade, com os toiros nas ruas e em praça e o garbo dos campinos nas suas montadas!

Vila Franca de Xira está de braços abertos para receber os milhares de familiares e amigos que nesta altura nos visitam. À Festa Brava junta-se muita animação, música, dança e bons petiscos – onde não falta a sardinha assada –, tornando inesquecíveis estes três dias.

De ambas as iniciativas realço as atividades novas que introduzimos, especialmente para os mais novos: o *carréton* taurino, na tarde de 28 de junho, e o *encierrito*, na manhã de sábado, 2 de julho. São ambas novidades na programação habitual, procurando ir ao encontro das brincadeiras de rua dos mais jovens e ajudando a cimentar a tradição.

São a nossa Cultura e tradições que procuramos exaltar, vindas de há muitas gerações, e que nenhum decreto será capaz de anular!

Com estas iniciativas, a Câmara Municipal espera contribuir para a liberdade e para a diversidade cultural, marcas da nossa sociedade democrática!

O Presidente da Câmara Municipal


Alberto Mesquita

Pampilho de Honra
do Colete Encarnado 2016

Luis Carranca: uma figura de proa na campinagem



Carranca caracteriza na terminologia náutica a imponente escultura de madeira que emerge da proa das embarcações, com tradição na arquitetura naval até ao início do séc. XX. Quis o acaso ou o fado da sua vida, que nascesse, em 1931, numa cidade de intensa cultura tauromáquica, Vila Franca de Xira, um homem, também ele conhecido por Carranca.

Em 42 anos de profissão alcançou o estatuto de figura de proa na campinagem. Numa homenagem póstuma, o Colete Encarnado, a sua Cidade natal, a Festa, mas acima de tudo os seus colegas de duras lides na campina, querem assinalar de forma indelével o encerrar de um ciclo, que engrandeceu a arte de manear o gado.

Luis Carranca era o quinto irmão de uma numerosa prole de dez filhos que formava a descendência da família Pais, cujo sustento provinha do trabalho do pai para a Companhia das Lezírias e da faina da mãe, no campo. Todos começaram também ali o seu sustento, embora em alturas e por razões diferentes, foram-se afastando da dura vida da lavoura. O filho do meio, tal como todos os outros, com exceção da irmã

Dália, acometida nos primeiros anos de infância com a terrível febre reumática, não obteve instrução primária. Na hora de registar o seu nascimento em sede própria, recebe, ao contrário de alguns irmãos, o apelido correto: Pais, da parte do pai. Por sua vez o avô respondia ao sobrenome de Carranca, tendo sido um proeminente campino na casa de Dr. Emílio Ornelas Infante da Câmara, uma das figuras tutelares da agricultura Ribatejana Oitocentista. Luis foi o único da família a querer seguir os passos do carismático patriarca, talvez por isso era conhecido e respondia pelo nome de Luis Carranca, embora tal apelido não figurasse no seu documento de identificação.

Carranca do lado do Avô

O cognome fê-lo por merecê-lo. Era um motivo de grande orgulho mas de grande responsabilidade também. O avô fora um homem que tinha a duras penas conquistado renome no mundo da campinagem, numa Casa Agrícola de reconhecido sucesso em Portugal. Tinha 28 anos quando começou a trabalhar com gado bravo, mas desde sempre que o seu objetivo era empregar-se nesta área. Lamentavelmente a sua saúde obrigou-o a abandonar a sua arte aos 70 anos de idade. Um golpe inexorável. Era o seu trabalho que o prendia a uma vida feliz, que lhe proporcionava a satisfação de ter vencido numa profissão de múltiplos e implacáveis desafios. Ao longo da sua carreira, não só aprendeu o ofício, como deu cartas na arte de manejar o gado, assim como no trato e desbaste de cavalos. Aliás foi num picadeiro, no do sagrado Mestre Nuno Oliveira, situado na Quinta do Chafariz, na Póvoa de Santo Adrião (Odivelas) que recebeu os melhores ensinamentos, aprendeu a complexa arte de adestrar o elemento chave na vida de um campino: o cavalo. A sua preferência e admiração ia para o Lusitano, único sangue equídeo em que confiava para as suas montadas. Fosse na transumância, no aparte, enjaulamento ou alimentação do gado, enfim para todas as atividades de risco que implicam uma simbiose perfeita entre cavaleiro e animal, a preferência ia sempre para aquela raça portuguesa. Isto porque não há dúvida que ao momento do manear do gado, cada elemento da parelha assume funções e desempenhos diferentes, mas ambos têm um objetivo uno: a salvaguarda de uma eventual e dolorosa investida do touro.

Campino aos 28 anos de idade

Seguindo o seu sonho conseguiu, aos 28 anos, ingressar ao serviço da Ganadaria de Manuel César Rodrigues (Alhandra) onde iniciou a aprendizagem dos segredos e agruras da campinagem. Volvidos cerca de cinco anos, transitou para a Ganadaria Manuel dos Santos, cuja exploração solar do efetivo se localizava no Porto Alto. Durante 30 anos apurou, desenvolveu e sagrou-se mestre na arte do maneio do gado. Apreendeu todos os preceitos do seu ofício e instruiu jovens que se iniciavam na arte, que enriqueceram com o seu saber, largamente majorado pela paixão que imprimia a cada tarefa executada no seu dia a dia. Após três décadas de dedicado trabalho, assumiu as funções de maioral, durante 11 anos, da Ganadaria de Santo Estevão, de Gabriel Correia (Juncal da Lezíria). Arbitrariamente e sem qualquer complacência, a sua condição de saúde impeliu-o a despedir-se do mundo dos touros. Tinha 70 anos. A paixão pelo gado, montadas e campinas mantinham-no motivado para continuar a abraçar a sua arte. O corpo estava também em condições físicas para prosseguir. Todavia, a sua memória e o seu sentido de orientação começaram a driblear a sua vontade férrea de se manter no ativo. Para a sua mulher, companheira de amor, de labor e de vida, Luis Carranca era “o melhor campino que já conheceu. Ele metia um curro de touros para Viana do Castelo, Figueira da Foz e Campo Pequeno, quase sozinho. Montava-se a cavalo, chamava-os pelo nome, eu punha-me ao portão, o touro entrava, fechava-se o portão e pronto. Os touros para ele era como se fossem um brinquedo e tratava-os sempre como família” asseverou Luísa Pais, a enlutada mulher do Pampilho de Honra do Colete Encarnado 2016. Paixão à primeira vista, tinha 16 anos quando casou com Luis Carranca. Para além de se ter



À esquerda, Luis Carranca

comprometido com ele maritalmente, trabalhava ao seu lado e acompanhava-o em quase todas as suas saídas em serviço “cheguei a ir com ele a Viana do Castelo dentro de uma jaula dos touros. Sempre que podia, ia com ele por esse país fora a várias Praças. Só ficava quando não havia mais ninguém para tratar do gado”, recorda saudosa e emocionada a viúva, que ainda não se recompôs da perda do seu companheiro e amigo.

A irmã, Dália, recorda com orgulho e muita admiração um irmão reservado, circunspecto nas emoções, esmero na sua arte, admirador convicto da raça Lusitana e defensor fervoroso do gado bravo. Nada o afastou ou condicionou na dedicação que sempre demonstrou à arte de campinar. Nem a famigerada morte do seu filho mais velho, aos 17 anos, num acidente no qual conduzia um trator. Nem quando, ao serviço de Manuel dos Santos, um touro lhe foi à mão e o mandou para fora do tentadero. Nem tão pouco quando a égua que montava, emprestada, foi colhida e ele foi ao chão, caindo inanimado, tendo ficado com várias costelas partidas e com a audição reduzida, resultante de

um pequeno traumatismo craniano. Transformou as agruras do ofício em conquistas apaixonadas. Respeitava primorosamente as vestes que representam a sua arte. Exigiu envergá-las na sua viagem eterna que realizou em novembro último. A sua vontade foi respeitada. Até no que concerne ao tributo que se lhe quer prestar postumamente por conta da sua dedicação à arte de campinar. Em vida, nunca aceitou qualquer convite para o efeito.

E assim será: a 2 de julho. Luis Carranca teria 84 anos. Nesse sábado, os seus pares vão recordá-lo de uma forma especial e simbólica, através da gravação do seu nome no Pampilho, a empunhar pelo Campino a distinguir no Colete Encarnado de 2016.

Texto: Prazeres Tavares

Fotografia: espólio da família Pais





*Sofia Silva Lapa e Madalena Silva,
bisneta e neta do fundador.*

Ganadaria *Dr. António Silva (AS)* Passagem de testemunho em família

A atravessar uma quarta geração, a ganadaria Dr. António Silva tem à sua frente Madalena e Sofia Silva Lapa, neta e bisneta do seu fundador. Fomos ao encontro da Sesmária dos Pinheiros, na Branca (concelho de Coruche) para conhecer os campos onde nasceu a história do ferro AS.

Entre sobreiros distribuídos num abundante pasto verde, rodeados de sons e tons da natureza, olhando as reses da Casa, Madalena Silva conta-nos que a Ganadaria começou a desenhar-se quando um dia, o seu avô, António Garcia Henriques da Silva, assistiu a uma tenta de Pinto Barreiros: “entusiasmou-se de tal forma

que decidiu comprar-lhe o seu primeiro grupo de 15 vacas”. No ano seguinte adquiriu um lote idêntico e, ainda, um semental, o primeiro de todos. Bailador era o seu nome e padreou até aos 16 anos. Médico de formação e profissão, o fundador dedicou-se a um exaustivo trabalho de seleção de animais, apoiando-se nos seus



desenvolvidos conhecimentos de genética. Fundada em 1928, a ganadaria António Silva (AS) viu os seus toiros saírem à praça, pela primeira vez, a 25 de junho de 1944, a data de registo da sua antiguidade. O palco foi o Campo Pequeno e a crítica foi unânime em referenciar o primor e o comportamento e apresentação. Nunca atingindo um número alargado de vacas, eram corridos cerca de 12 toiros por ano. Alguns dos momentos mais altos da Casa tiveram lugar na década de 60, de quando as nossas entrevistadas resgatam as célebres e marcantes vendas de seis e cinco sementais, corridos em Lisboa e em Vila Franca de Xira, respetivamente. Alcançado rapidamente um lugar de prestígio, diversas ganadarias portuguesas procuraram este ferro para reprodutor. À luz da analogia da casta Pinto Barreiros enquanto “mãe” de todas as ganadarias, Madalena Silva refere-nos que, à época, os toiros do Dr. Silva seriam “o pai” das mesmas, recordando esses tempos áureos.

Após o falecimento do Patriarca e herdada a paixão pelos toiros de lide, António Patrício Henriques da Silva (pai de Madalena Silva), agarra o testemunho mas vê-se, entretanto, na contingência de introduzir outros sementais, de

forma a evitar problemas de consanguinidade. Procede então, em 1994, a um investimento traduzido no aumento da ganadaria com vacas e sementais de La Cardenilla, provenientes de Juan Pedro Domeq e Conde de la Corte. Atualmente, a procedência (Pinto Barreiros) permanece no encaste, agora com Tamaron.

“Musculado, córnea fina e sério na praça”

A exploração solar do efetivo dá-se na Sesmaria dos Pinheiros, sendo que a vacada se encontra na Herdade Torre do Ferrador, no Biscainho (Coruche). Após a ferra, as reses selecionadas passam para junto dos sementais. 70 vacas de ventre e três sementais constituem o atual efetivo. Na tenta, a exigência prima e talvez esta seja uma das razões da história indelével que a Ganadaria granjeou na Festa Brava. O animal (com idades de dois e três anos) vê o seu comportamento avaliado no tentadero, sob a experiência e o olhar atento de um grupo de especialistas que, entre capotes, muletas e cavalos apura a sua bravura e nobreza. Sofia Lapa elucida-nos sobre este momento, onde é essencial assistir à prontidão na investida, “a vaca tem de arrancar do local onde está”.





Sobre a morfologia do toiro AS, Sofia Lapa caracteriza-o como musculado, de esqueleto grande, alto, de corno fina e sério na praça (diz-se do que parece sempre pronto para investir, sem reações esquivas). Ali, na génese da Ganadaria, avistamos nos campos massas negras que exalam bravura e uma consequente imprevisibilidade, mais temida quando é notória a sua *fizeja* (com sentido no movimento). As criadoras apontam-nos alguns imponentes e soberbos exemplares, demonstrando a “boa cara” e postura. Apelagem é predominantemente preta onde espreitam alguns bragados e outros (poucos) raiados de amarelo, oscilando o seu peso entre os 450 (os mais pequenos) e os 600 kg. Trata-se do resultado de uma seleção apurada, bem como da rigorosa e valiosa preparação executada por João Inácio, mais conhecido entre colegas e amigos por “Janica”, o maioral. Sofia Lapa é peremptória quando nos diz que “ele conhece-os como ninguém”, aplicando na lide diária todo o preceito e experiência que tem no gado bravo. Sobre os seus afamados toiros, Madalena Silva recorda o Centalho, vencedor de um concurso em Santarém, também vendido para semental: “Perguntaram ao meu avô quanto queria por ele”, explica-nos com satisfação, “davam o que pedisse” Já Sofia Lapa relembra o Marcador

(N.º 442), apelidado na Casa de “42”, pai de muitos e ainda lidado no tempo do seu avô. Atualmente os seus filhos são igualmente usados como sementais, nomeadamente, o Perdigoto e o Hermano.

Temporadas sublimes

Triunfadora em inúmeros concursos de ganadarias, o prémio de melhor curro no emblemático tauródromo do Campo Pequeno faz rasgar sorrisos de notória satisfação e orgulho nas responsáveis pela divisa amarela. Em função do trapio e comportamento trouxeram, em 2012, o desejado Galardão. Vencedores de inúmeros prémios de apresentação e bravura, os toiros AS preencheram, ao longo dos tempos, cartéis de luxo, pisaram importantes arenas e abrilhantaram espetáculos, somando sublimes prestações e temporadas. Na carteira de clientes estiveram já as principais figuras do toureio e, em tempoidos, com maior expressão no toureio a pé. À data da nossa conversa estavam em agenda, curros para a carismática praça de toiros de Abiúl (concelho de Pombal), Póvoa de Varzim e Vila Franca de Xira, para o espetáculo de Homenagem ao recentemente falecido ganadeiro Fernando Palha.



Cumpra-se a tradição familiar

Dar continuidade a uma ganadaria pode ser um exercício financeiro complicado nos tempos que correm. A par deste percurso realizam uma exploração agro-pecuária de milho, arroz e criação de uma vacada mertolenga para comércio da carne, cada vez mais vista como produto *gourmet* e diferenciado. A criação de toiros de lide é uma atividade que tomou na família a forma de uma passagem

de testemunho geracional. Entranharam-se, da mesma forma, a paixão e a *afición*. Quatro gerações e 88 anos passaram desde a sua fundação. Permanecendo o empenho depositado na Divisa pelos seus ancestrais, hoje assistimos a um património onde o respeito e o prestígio herdados continuam a traçar a sua história. Cumpra-se a tradição familiar.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano



Campino Homenageado
Colete Encarnado 2016

*Ser Campino à Zé Mendes:
“Como quiserem os touros,
a gente também quer”*



As seis décadas que dedicou ao manejo do gado bravo foram sempre norteadas pelo respeito absoluto ao lema que, Manuel Sabino, o seu mestre, lhe incutiu: “como quiserem os touros, a gente também quer”. O princípio que sempre regeu a sua vida profissional, fosse no campo, nas mangas ou nas tentas ditou que o touro seria para ser lidado nas praças, pelos toureiros, cabendo ao campino a missão de conduzir o gado. Sempre com muita calma. Para José Manuel Abreu Mendes, o homenageado da presente edição do Colete Encarnado, estas foram as matrizes que guiaram toda a sua conduta no campo. Hoje, já com 73 anos, sabe que o respeito por aquelas orientações sábias, lhe granjearam notoriedade no meio, consideração dos seus empregadores, mas acima de tudo deferência dos seus pares. Na verdade daqueles que ditam e preservam os preceitos da campinagem.

No sábado de Colete Encarnado, dia 2 de julho, este homem será distinguido pelo seu desempenho, pela sua dedicação à arte campestre mais tradicional do Ribatejo e exclusiva no mundo. Irá empunhar a singular vara, o seu obrigatório instrumento de trabalho, que nesta ocasião tem uma outra função, carregada de simbolismo e muita emoção. Desta feita presta um tributo póstumo a uma figura de notório relevo na arte da campinagem: Luis Carranca. José Manuel Mendes referiu-se a este colega como tendo sido “um bom campino, tinha muita calma e não conhecia o medo. Podia-se contar com ele. Foi um mestre, tal como foram Zé Tavares e o Felício”.

Manuel Sabino: o Mestre

O seu grande mentor, mestre como fez questão de se lhe referir, foi Manuel Sabino, o Maioral da ganadaria de Paulino da Cunha e Silva. “Era um homem extraordinário, que sabia muito do ofício e de touros. Infelizmente morreu há pouco tempo. Uma vez andámos uma manhã inteira, três campinos para tirar um touro de uma moita. Não con-

seguimos. Depois de almoço mandei-lhe um pau e ele saiu de lá. Mas porque quis. Nestas situações ele dizia sempre: Zé, como eles quiserem, quer a gente. E tinha razão”, disse José Mendes num tom saudosista e brioso, demonstrando verdadeiro orgulho em ter tido o privilégio de ter conhecido aquele profissional, e do qual recebeu bons ensinamentos sobre a arte de manear o gado bravo. O campino homenageado do Colete Encarnado 2016, cuja carreira começou aos 10 anos de idade, viveu, ao longo dos largos anos em que cuidou de gado bravo, vários episódios que perigaram a sua vida. Mas esta variável esteve sempre presente em todas as tarefas inerentes à arte que sempre quis dominar. É transversal àquela profissão. Não há nenhuma atividade ou momento em que estes homens se possam dar ao luxo de se distrair. O risco é diário e é recorrente, seja na transumância do gado, no saneamento dos animais, na simples provisão da alimentação ou até nas tarefas mais complexas como seja o encaminhamento das reses para a manga, para o “enjaulador”, ou ainda na recolha dos touros nas praças de Touros, após as lides e as pegas.

Ainda este ano a sua resiliência foi posta à prova. Aliás, duramente. Na sua presença, perante uma impotência total, um animal de 500 kg, um portentoso Canas Vigouroux, arrancou do fundo do tentadero em direção ao filho. Trespasseou a sua perna direita. O Maioral Joaquim Mendes, experiente campino, filho de mestre, não conseguiu prever, menos ainda evitar a investida do animal. Na Herdade do Pombal, em Vila Nova da Rainha, viveram-se momentos de grande pânico. O ferido precisava de ser recolhido de imediato. Na presença de tal cenário, o seu pai contorceu-se de pânico. O grito instintivo por socorro saiu mudo. Valeu-lhe o instinto profissional, que desenvolveu e afinou ao longo de décadas de serviço. “Estávamos a fazer saneamento às vacas e ao touro no tentadero. A tirar sangue. Ele foi ficando. E o meu filho não o viu partir, porque ele estava junto das vacas. Pendurei-me na parede a chamar pelo touro, a gritar por ele, até que depois mandei-lhe com o boné à cabeça. Mas aquilo são momentos. Aos anos que fazemos isto e sempre da mesma maneira. É preciso um sangue frio muito grande e a gente sente-se incapaz” terminou o destemido Maioral, que na altura sentiu o seu coração paterno mirrar de angústia ao aperceber-se da brutal investida do semental de 12 anos, sobre o filho.

Ainda assim este Cartaxense não ficou condicionado à periclitância a que foi sujeito, extremada pela vítima ser o seu filho morgado. “Vou enfrentar estes trabalhos da mesma maneira. Há perigo em todas as profissões, até para o serralheiro. Também tive um no Gaio, (Santarém) que lhe dava ração à gamela. Isso ele deixava. Mas se eu viesse com a saca de ração para trás, vinha logo para cima de mim. E o meu filho também conhece bem o semental que o atacou, chama-lhe até padrinho! Tenho muito orgulho no meu filho. Tem conhecimento da arte dos touros e até mesmo de seleção de ganadarias. Sabe bem o que é de apurar e o que não é. Neste momento, é Maioral da Casa Canas Vigouroux e é responsável por 130 vacas” concluiu José Mendes não escondendo a vaidade que tem no percurso profissional já trilhado pelo seu filho.

De rapaz da tralhoda a Maioral de gado bravo

Nascido há 73 anos na Casa Manuel Duarte de Oliveira, onde os seus pais eram caseiros, cedo a vida do campo lhe provocou um irresistível interesse. Andou quatro anos na escola e no último ano reprovou. O pai decidiu puni-lo: “levei uma tarefa do meu pai e depois o castigo foi ir trabalhar para o campo. Mas para mim foram umas férias! Andei com os bois na tralhoda, a ganhar, andava à frente dos animais a orientar o seu andamento. Também cheguei a andar à frente de bois a lavar vinha. Eu queria era touros e cavalos, nada de estudar.





Lembro-me bem que nessa altura havia um programa chamado Sol e Touros, feito pelo Sr. Niza da Silva e eu era doido por aquilo. Não passava um domingo sem o ouvir. Ainda me lembro, ele terminava sempre a dizer: diz-se isto e aquilo e alguma coisa há-de ser verdade” recordou José Mendes com um olhar maravilhado.

De rapaz da tralhoada, José Mendes foi ajudar o Maioral das Éguas, efetivo em que Manuel Duarte de Oliveira tinha particular orgulho, tendo sempre demonstrado particular interesse na raça Lusitana: “Tinha um efetivo muito bom. Teve até alguns que ganharam vários prémios em Madrid. Íamos com os cavalos ao Estoril, à Feira do Ribatejo, à Azambuja, onde aliás me fardei pela primeira vez de campino, aos 13 anos de idade e já com a farda da casa. Comecei nos poldros e cavalos por volta dos 12 anos. Quem me ensinou a montar mesmo foi o maioral das éguas. Antigamente aprendíamos a lidar primeiro com o gado, a não ter medo e depois é que passávamos para os cavalos. Nessa altura as éguas andavam a gradar e nas eiras e os rapazes é que andavam com elas. Depois os mais destemidos experimentavam montá-las, só com o cabresto na cabeça, não havia freio, o maioral é que tinha direito a tudo. Aos 16 anos comecei a desbastar cavalos, uns iam para o Exército (aos três anos) e outros iam para a Guarda Nacional Republicana (aos quatro anos). Caí muitas vezes no princípio e hoje estou a sofrer dores dessas quedas. Lembro-me que houve um dia que caí abaixo do poldro mais de seis vezes. Nunca me aleijava. Enfim, quando somos novos nunca nos dói nada”

concluiu o septuagenário. Entretanto conheceu a sua mulher, filha de um fazendeiro com boas posses. Ela era uma peralta, foi aprender a modista e ele, um vistoso homem do campo, de manifestas origens humildes. “Conhecia-a, com 12 anos, num baile de verão. Ainda hoje ela guarda a carta que lhe enviei. Nós comprávamos umas cartas que tinham umas quadras e a minha começava assim: quero-te mais que a minha vida. Tinha de se saber dar bem a volta. Tive algumas namoradas, mas dizia-lhe sempre: não te preocupes, a mulher que me leva ao altar és tu! Quando o meu sogro ficou viúvo e resolveu casar de novo, a filha disse-me que ia sair de casa para servir fora. Aí disse-lhe: vais servir sim, mas a um homem só! Casei com 19 anos e só depois fui ao alistamento. Ainda gozei da Lei que homens casados não eram enviados para o Ultramar. Estive 48 meses na tropa. Regressei à Casa Manuel Duarte de Oliveira onde fiquei com o ordenado do meu pai que entretanto tinha falecido”, recordou José Mendes de forma bem viva.

Com um filho que apresentava alguns problemas de saúde e um ordenado que não cobria as despesas domésticas e de saúde, este pai de família começou a procurar respostas para os seus problemas financeiros. Foi para camionista numa fábrica no Cartaxo. Os rendimentos familiares estabilizaram, mas José Mendes referia amiúde à mulher, Virgínia Mendes que “ando a cavalo em muitos cavalos (camioneta), mas não me sinto bem com eles (a cabine da camioneta)”, numa alusão à tristeza que sentia por estar arredado da campinagem. Ia colmatando as saudades das lides do campo, nomeadamente do maneio do gado bravo, acompanhando algumas atividades na Casa Agrícola Pedro de Santos Lima. “Um dia fomos ver os enjaulamentos, havia falta de gente, o touro número 14 tinha fugido para a maracha, mas tinha de seguir para uma corrida naquele dia. Tinha-se amoitado junto do Tejo e não saía. O Manuel Sabino, Maioral, pediu ao patrão se eu podia dar uma mãozinha. Ele

disse que sim, mas eu estava de calças de domingo. O Sr. Santos Lima, com quem tive sempre um relacionamento como se fossemos irmãos, disse que pagaria as calças se prejuízo houvesse. Eu lá fui. Em cima de uma égua com a qual estava pouco à vontade. Havia cardos altos a picar-me as pernas. Éramos cinco. Fui lá duas vezes. Nestas coisas tem de se saber, mas também tem de haver um pouco de sorte. O touro depois lá saiu atrás da égua. Foi quando, referindo-se a mim, o Manuel Sabino disse ao Sr. Santos Lima: de uma ruim moita sai um bom coelho”.

Maioral da ganadaria Santos Lima por 23 anos

Foi assim que começou a sua longa carreira ao serviço da Casa Agrícola Pedro de Santos. Tinha 42 anos e, até atingir a idade da reforma, foi Maioral do gado bravo e encarregado da Casa Agrícola. Fazia jogos de cabrestos, foi a várias Praças de Touros, nomeadamente Alcácer do Sal, Campo Pequeno, Cartaxo, Mogadouro, Nazaré, Póvoa do Varzim e Santarém. “Onde me sentia melhor era em Santarém, fazia-me sentir pequeno. Numa Corrida da Rádio Renascença os Forcados de Santarém pegavam de Cernelha. Eu avisei o Cabo que os cabrestos não estavam em condições, porque eram pequenos e não tapavam os toiros! Mas saiu um Coimbra com 630 kg. Era eu e o meu filho. Disse-lhe que tínhamos de armar aquilo da melhor maneira. O meu rapaz foi à cara do touro, mandou-o cavar e puxou-o para meio da praça. A praça levantou-se em peso a bater palmas. Os forcados depois até nos vieram buscar” concluiu ciente da bravura da equipa de campinos que liderou na ocasião.

A carreira destes profissionais é repleta de histórias em que num determinado momento o curso das suas vidas poderia ter mudado drasticamente, não fosse a experiência no ofício, o destemper a morte prematura ou a ajuda da Nossa Senhora de Alcamé, a padroeira dos campinos. “Tive um San-

tos Lima que me deu muito trabalho na charneca. Estava amoitado, quando avançou agarrou o cavalo e com a pancada desequilibrei-me. Fez-me vir pendurado de cabeça abaixo, agarrado ao pescoço do cavalo. Este episódio foi marcante. Aquilo acontece em segundos e pensamos: é hoje! O Manuel Sabino entretanto chamou-o logo, meteu-se entre mim e o touro e depois endireitei-me para seguir”, contou José Mendes ainda visivelmente aliviado pela escapadela à tangente.

Recorda ainda com mágoa uma entrada na Feira de Santarém, há cerca de 15 anos, em que numa recolha de touros das esperas, um deles furou a sua montada. Uma Lusitana pura. Para não ficar à mercê da rés enfurecida, José Mendes foi amparado pelos populares que se encontravam nas tronqueiras, logo que a sua montada sucumbiu ao violento golpe no ventre, não tendo resistido aos ferimentos entretanto infligidos. Foi também um duro golpe para o Maioral. Assistira impotente ao definhar da sua égua, “uma estampa” como se lhe referiu. Protagonizou também uma situação de verdadeira perigosidade.

Ferido ficou também o seu orgulho de campino experiente nestas andanças. No entanto, contam os colegas que um elemento da equipa deu uma varada no touro, num momento em que José Mendes estava sem ponto de fuga. Isentado da culpa no sucedido, nada lhe apagou a mágoa de ter visto morrer a sua estimada Lusitana.

Por todos estes feitos, por ter contribuído ativamente ao longo das várias décadas de carreira para que campinar continue a ser a arte do ma-

neio do gado, constituindo-se num elemento fundamental na identi-

dade, cultura, etnografia e história do Ribatejo, os seus pares decidiram homenageá-lo em Vila Franca de Xira. “Fui escolhido e agradeço muito. É especial ser no Colete Encarnado porque a Festa tem quase 100 anos. Sinto-me ultrapassado, mas acedi porque é de Vila Franca de Xira. Há muitas Festas na região, mas aquela tem outro cheiro!”



Tertúlia Rambóia

**Amizade,
Festa,
Tradição!**



Tudo começou em 2005, na localidade de Cachoeiras. Um grupo de amigos juntava-se regularmente para o convívio e a patuscada. O grupo cresce e com ele o sonho de Diogo Câncio – criar uma tertúlia. É já em Vila Franca de Xira, cinco anos passados, no espaço que é o da sua atual sede, que o sonho toma forma e nasce oficialmente a Tertúlia “Rambóia”, termo que, na opinião do presidente da sua Direção, “faz uma ligação muito feliz entre aquele que é um ambiente de tertúlia e de festa com o próprio ambiente taurino”.



Diogo, o fundador

Falar da génese da Tertúlia “Rambóia” é falar do seu fundador. Diogo Câncio é, desde que se conhece, apaixonado pelos toiros e todo o universo da Festa. É com carinho que relembra todas as vezes que em criança o seu avô o levava à casa do maestro José Júlio, onde acabava a tentar, e como desde cedo muitas foram as ocasiões em que viu os seus primos, Pedro Dotti, Cabo dos Forcados Juvenis de Vila Franca, e Vasco Dotti, antigo Cabo dos Forcados Amadores da cidade, a pegar. Em 2010, ao adquirir



o espaço onde funciona atualmente a Tertúlia, e já com um coeso grupo de amigos que se encontrava de forma regular, Diogo encontra reunidas as condições para dar asas ao seu sonho. O grupo torna-se mais organizado dando origem à Tertúlia que conta atualmente com 23 sócios unidos pela mesma paixão: a Tauromaquia e as tradições Vilafranquenses.

Colecionador inveterado, Diogo foi juntando ao longo dos anos um vasto conjunto de peças ligadas à Tauromaquia, algumas das quais, para além do seu valor emocional, com um importante valor histórico, que expõe na sede da “Rambóia” fazendo com que esta tertúlia seja detentora de um vasto espólio, uma das suas singularidades face às demais.

Deste valioso espólio, Diogo destaca “quatro cabeças de toiro: duas da Ganadaria ‘Palha’, uma lidada em Sevilha e a outra em Vila Franca por ocasião do 80.º Aniversário do Grupo de Forcados da terra; uma da Ganadaria ‘Irmãos Dias’, representante da chamada ‘casta portuguesa’; e uma do temível ferro de ‘Miura’, de um toiro corrido em Vila Franca, numa data histórica, em que pela primeira vez foi lidado em Portugal um curro completo da mítica ganadaria. Esta cabeça foi gentilmente cedida pelo forcado Mário

Rui Alves a quem muito se agradece o gesto, tendo efetuado a esse exemplar a sua pega de despedida”, salienta.

Realce ainda para os trajes do matador espanhol “El Juli” e do Maestro José Júlio, usado na sua Corrida de despedida na “Palha Blanco”, um capote de Curro Romero, uma muleta de José Tomás e para os safões do lendário toureiro espanhol Juan Belmonte (1892-1962), “quicá a peça mais importante a nível histórico”, destaca ainda Diogo, referindo sobre o espólio, muito mais haver a conhecer, “nas paredes repletas de pequenos e grandes tesouros”.

Não admira portanto que o espaço seja amiúde solicitado para visitas e outras realizações por diversas entidades, como aconteceu com a própria Câmara Municipal, aquando da visita de D. Duarte de Bragança, em 2011, a propósito da XIV tourada real que assinalou os 110 anos da praça de toiros Palha Blanco.

Sevilha, Festas e Jantar de Gala

Para além de almoços ou jantares mensais a “Rambóia” orgulha-se do seu programa de atividades, sempre em torno da Tauromaquia, de onde se destacam as idas anuais a Sevilha, já na sua 7.ª edição, as idas a Olivenza ou a Badajoz, ou as corridas no Campo Pequeno. Na memória afetiva dos tertulianos ficaram também a Festa Campera, decorrida em 2015 na Herdade da Baracha a propósito da comemoração dos seus 10 anos, e a visita à emblemática Ganadaria Palha, em 2013.

Outra das tradições da “Rambóia” é, desde 2007, a organização de um Jantar Anual de Gala onde são atribuídos troféus aos associados que mais se distinguem em determinadas categorias. Em traje de cerimónia, sócios e convidados assistem à entrega de divertidos galardões como o de “O Encantador de Patos”, “Miss Trabalhadora”, “Faquir”, “Cavalo espantado”, “Halibut”, “Tenho um estalo que pareço uma ameixa”, “Lucineide”, “Donas de Casa Desesperadas” entre outros epítetos que atestam bem o espírito de amizade e salutar convívio que sempre preside a estes encontros.



Mas a Festa vivida com mais intensidade é o Colete Encarnado em que, fazendo justiça à tradição, funcionam de portas abertas. Procuram também marcar presença noutras festividades locais, como por exemplo a Romaria de nossa Senhora de Alcamé, entendendo que a sua missão é não apenas divulgar a cultura taurina mas, num sentido mais lato, toda a tradição ribatejana, onde Campo, Rio, Toiros e Festas se encontram.

Crescimento do Movimento Tertuliano

É com otimismo que o Presidente da direção da “Rambóia” vê o crescimento do movimento Tertuliano e a união crescente das tertúlias, o que considera sintomático de que a Festa está muito viva em Vila Franca e que continua a haver um amor muito grande pelas tradições locais, nomeadamente por parte das faixas etárias mais jovens.

A atual união e dinâmica das tertúlias está a um nível que “talvez não se visse desde os anos 60/70 do século passado, quando começaram a surgir as primeiras tertúlias”. Desde essa altura, congratula-se Diogo, “o movimento tertuliano nunca esteve tão vivo”.

Na última década surgiu um conjunto de novas tertúlias encabeçadas por jovens e ainda que na génese da sua criação esteja, invariavelmente, o convívio e a amizade, a verdade é que este fenómeno acaba por pressupor uma aproximação à tauromaquia nas suas diferentes vertentes. Seja pelo facto de se assistir a uma corrida, fazer excursão ao campo ou, simplesmente, participar de uma forma mais intensa no Colete Encarnado ou na Feira de Outubro, a pertença a esse grupo tem um efeito propagador por vezes até junto daqueles que nem sequer gostavam ou conheciam o mundo da tauromaquia.

O fenómeno de contágio entre amigos/ tertulianos contribui substancialmente para a criação e educação de novos públicos, novos aficionados e em última análise, para a continuidade da tradição ribatejana, considera.

António Farrim, *Médico-Veterinário* *Ao serviço das Esperas de Toiros*

*A completar 20 anos de serviço
como Médico-Veterinário da centenária
Companhia das Lezírias,
António Farrim possui, também,
um papel essencial num dos momentos
mais aguardados do Colete Encarnado,
as Esperas de Toiros.*

Responsável clínico pelo contingente animal da maior exploração agropecuária e florestal do País, a Companhia das Lezírias, António Farrim aplica na sua colaboração de há 15 anos com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, o gosto e o respeito pelo bem-estar animal. A par da equipa da Autarquia, este veterinário acompanha as Esperas e Largadas de Toiros que decorrem em Vila Franca de Xira, nos dois momentos mais festivos e tradicionais do Concelho: no Colete Encarnado (julho) e na Feira Anual (outubro).

Se no seu ofício o dia a dia exige disciplina, devido ao modo de produção biológico e preocupações ambientais levadas a cabo, nos espetáculos taurinos de rua o seu elevado papel de responsabilidade tem de corresponder a uma diversidade de condicionantes exteriores e, portanto, de conseqüente imprevisibilidade. Contudo, colaborando a Companhia das Lezírias, quer com cabrestos quer com campinos nestas ocasiões, este veterinário diz sentir-se “a trabalhar em casa”. Compõem como que “uma equipa” atenta, com os mesmos objetivos e preocupações no que aos animais respeita.



Entre as várias ocorrências nestes momentos, nomeadamente, as provocadas pelas armas naturais que o gado bravo tem, como cornadas, claudicações, cansaço e desidratação é usual acudir a patologias como cólicas (de grande risco para a vida do cavalo) e feridas. Quando necessário, realiza cirurgia, fazendo uso das condições e recursos que a Autarquia acautela para estas vicissitudes. Mas, mais que prestar a assistência necessária, a cavalos e toiros, é a prevenção o fator mais importante ainda antes da entrada dos animais nas Esperas. A saúde animal está no topo das prioridades. Os cavalos devem oferecer aos campinos força, elasticidade, robustez morfológica, caso contrário poderá comprometer o próprio animal, bem como o cavaleiro que pode correr risco junto do gado bravo. O que antecede o espetáculo em termos de atividade clínica é, sobretudo, assegurar a vitalidade dos animais, assente nas suas boas condições físicas e bem-estar, cabendo ao veterinário a sua aprovação. António Farrim explica-nos que esta “família”, que trabalha

num dos pontos mais altos do programa do Colete Encarnado contribui, assim, para que este decorra da forma mais correta e séria, não descurando nunca a proteção dos animais.

Sobre o que gostaria de ver diferente neste momento de vertente taurina, com base na sua formação, remete-nos para a questão da recolha do toiro, algo para o qual se atenta cada vez mais. Veria com bons olhos a regulamentação do tempo do

toiro na rua, não especificamente em Vila Franca de Xira, mas de um modo geral.

Produto peculiar e ímpar de tradição Ribatejana, as Esperas de Toiros contam em Vila Franca de Xira com este profissional de gosto vincado pela Festa. Nutre um sentimento especial por aquilo que considera cenário cultural: “Uma festa que tem alma e traz alegria... Faz parte da chama Portuguesa”.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano

É DE VILA FRANCA E CHAMA-SE

JOSÉ JÚLIO

E x p o s i ç ã o

Inaugurada no dia 25 de junho, a exposição “É de Vila Franca e chama-se José Júlio” estará patente no Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira até ao próximo dia 9 de outubro do corrente ano. Esta iniciativa ocupa um lugar de destaque na 27.ª edição da Semana da Cultura Tauromáquica ao trazer para o universo da Festa Brava importantes reflexões sobre este fenómeno cultural, nomeadamente através da concretização de colóquios, sem esquecer, é certo, o cerne da própria exposição, um olhar biográfico sobre a vida e carreira do matador de toiros Vila-Franquense, José Júlio.

José Júlio Venâncio Antunes, filho de Júlio Antunes e de D. Maria Venâncio, nasceu a 31 de janeiro de 1935, em casa de seus pais, na Barroca de Cima, em Vila Franca de Xira. Dotado de raras qualidades artísticas, muito cedo se apaixonou pela Arte de Montes. Iniciou o toureio na Escola da Golegã com Mestre Patrício Cecílio, sendo apoiado pelo Vila-Franquense José Guerra e o espanhol Andrés Gago.

Vestiu-se de “Luces” pela primeira vez na Praça de Toiros de Santarém na tarde de 10 de abril do ano de 1955. A sua ascensão foi bastante rápida devido à sua entrega, “Aficcion” e dignidade toureira, levando-o a figura de evidência nas arenas ibéricas, francesas e da América Latina.

Como novilheiro foi o primeiro português a cortar uma orelha na Monumental de *Las Ventas*, em Madrid, saindo em ombros a 24 de setembro do ano de 1959. Tomou a alternativa de matador de toiros em Saragoça, a 11 de outubro do ano de 1959, tendo como seu padrinho Chicuello II e como testemunha Gregório Sanchez, coube-lhe em sorte o “Bailador” da ganadaria de D. Pio Taberheiro de La Paz, ao qual cortou uma orelha.

Confirmou a alternativa na Feira de San Isidro, em Madrid, na tarde de 10 de maio do ano de 1960, das mãos de Júlio Aparício, lidando “Cacharrero” da ganadaria de D. Eusébia

Galache de Salamanca, tendo ganho o troféu “Fuentes”, atribuído ao melhor bandarilheiro que pisou a Monumental naquele ano. A crítica espanhola considerou-o o mais depurado artista da Escola Sevilhana com o capote.

Na sua terra natal, a 3 de novembro de 1961, encerrou-se com seis toiros da ganadaria Palha, onde protagonizou faenas do mais sublime recorte toureiro.

A sua longa carreira, onde deu lide a mais de dois mil toiros, proporcionou-lhe uma multiplicidade de triunfos durante várias épocas, ficando a década de setenta marcada pela sua determinação ao direito da corrida integral nas nossas praças.

Foi o primeiro matador de toiros Vila-Franquense, sendo dos mais carismáticos da sua época ao lado de Ordoñez, Paco Camino, Dominguin, Diego Puerto e Aparício.

Despediu-se das arenas, na Praça de Toiros Palha Blanco, na tarde de 5 de outubro do ano de 1989, no entanto continuou a tourear até aos 74 anos de idade, fazendo dele um exemplo de longevidade.

Curadores:
Idalina Mesquita
João Ramalho

É DE VILA FRANCA E CHAMA-SE

JOSÉ JÚLIO

E x p o s i ç ã o



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

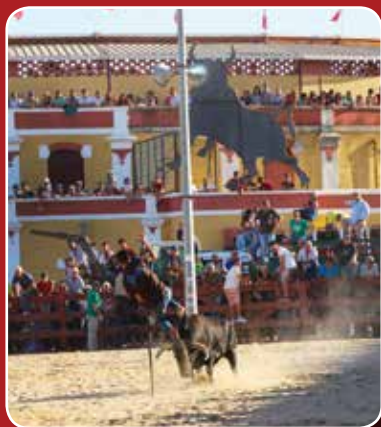


MUSEU
MUNICIPAL

VILA FRANCA DE XIRA | CELEIRO DA PATRIARCAL
[25 JUN] a [9 OUT] 2016

entrada
LIVRE

COLETE ENCARNADO



ESPERAS DE TOIROS SEGUIDA DE LARGADAS

SEXTA-FEIRA 1 JULHO . 18h00
SÁBADO 2 JULHO . 18h30
DOMINGO 3 JULHO . 10h30



HOMENAGEM AO CAMPINO

SÁBADO 2 JULHO . 16h00
Pr. Afonso de Albuquerque



CORRIDA DE CAMPINOS

SÁBADO 2 JULHO . 10h30
Largo 5 de Outubro



PRAÇA PALHA BLANCO

DOMINGO 3 JULHO
GARRAIADA DA SARDINHA ASSADA
02h00

CORRIDA DE TOIROS
18h00

Animação itinerante, seis palcos na Cidade e tertúlias abertas

NA AV. PEDRO VITOR

SEXTA-FEIRA
1 DE JULHO



D.A.M.A.



MT 80



DJ TIAGO PRAZERES

SÁBADO
2 DE JULHO



HMB



FADO LELE



DAVID ANTUNES
& THE MIDNIGHT BAND

DOMINGO
3 DE JULHO



FADO LÍRICO



FADISTAS
DE VILA FRANCA

COLETE ENCARNADO . REVISTA

Propriedade Câmara Municipal de Vila Franca de Xira Direção Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira – Alberto Mesquita Edição Câmara Municipal de Vila Franca de Xira - Divisão de Cultura, Turismo, Património e Museus e Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas Coordenação Editorial Cláudio Lotra Redação Ana Sofia Coelho, Carla Coquenim, Idalina Mesquita, João Ramalho e Prazeres Tavares Fotografia Ricardo Caetano, Vítor Cartaxo e fotografias gentilmente cedidas pela família Pais Design e Paginação Dulce Munhoz Impressão Alextipo Tiragem 3000 exemplares Distribuição gratuita | junho de 2016

78^a



Volta a Portugal Santander Totta

27 JUL PRÓLOGO
Oliveira de Azeméis

28 JUL 1ª ETAPA
Ovar
Braga

29 JUL 2ª ETAPA
Viana do Castelo
Fafe

30 JUL 3ª ETAPA
Montalegre
Macedo de Cavaleiros

31 JUL 4ª ETAPA
Bragança
Mondim de Basto

01 AGO 5ª ETAPA
Lamego
Viseu

02 AGO ETAPA DA VOLTA
Viseu

03 AGO 6ª ETAPA
Belmonte
Guarda

04 AGO 7ª ETAPA
Figueira de Castelo Rodrigo
Castelo Branco

05 AGO 8ª ETAPA
Nazaré
Arruda dos Vinhos

06 AGO 9ª ETAPA
Alcácer do Sal
Setúbal

07 10ª ETAPA (CRI)
Vila Franca de Xira
Lisboa



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



WWW.VOLTA-PORTUGAL.PT